

## Alianças e Disputas no Congado Belo-Horizontino

Marcelo de Andrade Vilarino<sup>1</sup>

[marcelovilarino@yahoo.com]

### Resumo

O presente texto abordará algumas das diversas relações estabelecidas entre os grupos congadeiros, e de alguns destes congados com terreiros de candomblé e umbanda na região metropolitana de Belo Horizonte. No que tange à relação entre congado, umbanda e candomblé, podemos considerar que é uma situação relativamente nova, e o diálogo inter-religioso engendrado pelos partícipes desses grupos demonstra o dinamismo com o qual religiões descritas como "étnicas" se encontram, destacando a forte presença de disputas mágicas que estruturam (ou corroboram para estruturar) novas perspectivas de pertencimento e interpenetração entre esses credos.

**Palavras-chave:** Congado, Irmandades Negras, Antropologia, Ritual, Religiões Afro-brasileiras.

### Abstract

The article below will approach some of the many relations obtaining between the groups of "Congadeiros", and of some of these latter groups with the "Terreiros de Candomblé e Umbanda" in the metropolitan area of Belo Horizonte. Concerning to the relation between "Congado", "Umbanda" and "Candomblé", we can take it as a relatively new situation. Inter-religious dialogue between the members of these groups shows the dynamism with which religions described as "ethnic" are faced today, a dynamism marked by the strong presence of magic disputes that structures (or helps to structure) new visions of belonging and interpenetration among these creeds or sets of beliefs.

**Keywords:** Congado, Black Brotherhoods, Anthropology, Ritual, African-Brazilian Religions.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora

## Introdução

As relações de alianças e disputas são múltiplas e adquirem vários matizes no contexto de um grupo congadeiro. Antecedem mesmo à festa, pois os convidados são aqueles “irmãos de reinado” ou “pares perpétuos”, que variam no tempo e no espaço, mas que na condição de eleitos a participar de um determinado festejo, celebram união e proximidade, mesmo que, no interior dessa aliança, disputas passem sub-repticiamente a defini-la.

Proponho, ao atentar para essas relações entre os diversos congados belo-horizontinos entre si (e de alguns destes congados com outros grupos religiosos), apontar aspectos da fluidez com que as redes de visitas são estabelecidas entre os congadeiros. Parece haver uma certa homogeneidade nos laços de proximidade e também distanciamento entre os grupos fraternais da capital e de suas cidades circunvizinhas, e também, no que diz respeito às relações com a umbanda e o candomblé, quando novos percursos nos pertencimentos e diálogos inter-religiosos têm sido engendrados.

Nas relações de aliança e disputa, a “batalha” que é travada entre grupos fraternais ou entre membros internos de um mesmo grupo são vistas como “moeda” para se medir a “força espiritual” com a qual esses congadeiros possam estar amparados, sendo comum que todo tido de ajuda “espiritual” seja invocada, numa demonstração de como pode ser “aberto” ou “sincrético”<sup>2</sup> o universo cosmológico congadeiro.

### 1. Aspectos do universo congadeiro belo-horizontino

---

<sup>2</sup> Analisando o sincretismo a partir da formação do Brasil, Pierre Sanchis destaca que o catolicismo afro-brasileiro foi formado “por dois universos simbólicos, duas visões do mundo, que entram em composição, ativando em conjunto, no aparelho epistemológico-ético dos atores sociais, um leque de representações, atitudes e expectativas que, em estrita lógica, fariam parte somente de um desses dois universos, sem, no entanto, que os dois se confundam simplesmente no plano da consciência” (SANCHIS: 1999, p. 173).

As manifestações em louvor a Nossa Senhora do Rosário organizadas pelas irmandades negras podem ser vistas como desdobramentos dos cortejos reais realizados pelo reino congolês após sua conversão ao catolicismo, desde os tempos dos primeiros contatos entre portugueses e africanos, estendendo-se até o Brasil Colonial. São reconhecidas hoje como um espaço de resistência religiosa e cultural por guardarem em seus rituais de fé a devoção aos santos católicos e às divindades africanas, onde se destaca um lugar especial às almas dos antepassados de cada Reinado.

Numa das muitas versões fundantes do mito, dizem que durante a escravidão, Nossa Senhora teria aparecido sobre as águas, tendo sido vista por um escravo. Essa pessoa comunica ao seu senhor, que não acredita, mas vai lá verificar. Vendo aquela imagem, ele organiza uma forma de resgatá-la para colocar no altar da igreja, de onde a mesma desaparece durante a noite, reaparecendo no rio. Esse fato ocorre por três vezes, quando então o homem negro tratado como escravo pediu que pudessem tentar resgatar a imagem. O senhor autoriza a empreitada e os negros se reúnem com seus tambores e cantam seus cantos mágicos, quando uma brisa leve vem vindo trazendo a imagem da santa. Conta ainda o mito, que esses homens tocavam seus tambores do candombe, tambores sagrados pela conexão que invocavam com suas divindades e com as forças da natureza. Como esses tambores são tocados fixos a um local, não podiam caminhar com a imagem, então foram criadas as guardas de moçambique para levar a imagem até a capela dos negros onde ela permaneceu, tornando-se a protetora dos africanos escravizados; a partir daí surgiram outras formas de manifestação do congado.

Enquanto muitos apontam como tendo sido uma escolha da Virgem do Rosário por apiedar-se do sofrimento daqueles homens tratados como escravos, há quem acredite que foi o poder mágico de suas religiões o elemento capaz de ter seduzido a própria Mãe de Cristo a virar seus olhos ao sofrimento espalhado por longa região das terras africanas, dando força para que seus antepassados tivessem resistido a tantos maus-tratos.

Através de seus distintos grupos: guardas de moçambique, de congo, marujada, caboclos, vilões, catopés e candombeiros, entre outros, o congado celebra com seus cantos, tambores e danças essa aliança entre Nossa Senhora e

os congadeiros, enquanto esses celebram também seus antepassados africanos, as almas santas e de sua linhagem familiar. Numa Irmandade, os reis são os representantes dessa força divinal: suas coroas simbolizam as coroas de cada santo devotado, ao mesmo tempo em que trazem a força da ancestralidade africana, através da presença do Rei Congo.

No congado o corpo é o lugar-memória onde o próprio antepassado se eterniza, se edifica, se faz presente. Os tambores e as preces, os cantos e os bailados, tudo em uníssono, formam uma das mais importantes formas de manifestação afro-brasileira existentes em Minas Gerais.

Segundo Leda Martins, “o ato performático ritual (no congado) cumpre, pois, em si mesmo, várias funções: produção e produto, referência e transformação, grafia e interpretação, tradição, tradução e improvisação; funções que mutuamente se fertilizam e cineticamente se metaconstituem” (Martins: 2004, p. 42) nos voltejos do corpo congadeiro.

Dançar à Virgem do Rosário é fazer-se congadeiro no dia-a-dia de cada membro desses grupos fraternais, e seus corpos transmitem a fé que seus cantos anunciam. No congado estar em sintonia com os santos e protetores significa cumprir uma série de atividades interditas tais como, por exemplo, a não prática de sexo durante o período da festa e o zelo pelo instrumento “sacralizado” em poderes mágicos. Dentre alguns dos instrumentos utilizados pelos partícipes de um congado temos os bastões e as espadas conduzidos pelos capitães das Guardas de Moçambique e de Congo, as “gungas”<sup>3</sup> ou “campanhas” com que os moçambiqueiros dançam amarradas aos seus tornozelos, ou ainda os instrumentos musicais<sup>4</sup> vistos como envoltos a poderes consagrados. Essa preparação, somada à fé de cada um, é que dá a segurança para que congadeiros e congadeiras estejam fortalecidos para a “batalha” que o dia lhes reservará, tanto aquelas que poderão surgir ali mesmo dentro do grupo, entre pares, como no encontro com outros “irmãos de fé”. Muitas vezes, para um partícipe, o congado pode assumir a imagem de uma batalha religiosa, uma guerra entre reinos e capitânicas. Patrícia Brandão Couto descreve a dimensão

<sup>3</sup> As gungas são uma espécie de guizos que são amarrados os tornozelos dos capitães de uma “guarda de Moçambique” e, segundo um capitão, “elas representam a segurança de um capitão”.

<sup>4</sup> Numa irmandade pudemos verificar que as diversas caixas tocadas pelos moçambiqueiros recebiam um tipo de “batismo” em que incorporavam a energia simbólica de nomes recebidos: “Treme Terra”, “Cachoeira” e “Mata Virgem”, segundo explicação do capitão da irmandade.

simbólica dessa guerra entre os congadeiros de Bom Despacho, MG, onde afirma que:

Se a reza forte é geralmente ocultada pelos grupos, as orações do rosário são freqüentes e visíveis nos protocolos cerimoniais do contexto festivo, mas também assumem neste uma conotação ambígua, quer dizer, são utilizadas como instrumentos de ataque e defesa na guerra entre os ternos (COUTO: 2003, p.144).

## **2. Proximidades, distanciamentos, provocações: algumas relações entre grupos congadeiros**

Falando sobre os contatos mais freqüentes que seu grupo fraternal tem com outras irmandades na cidade, um capitão sinalizava aspectos da proximidade que seu grupo estabelece na cidade no que tange às festas em sua irmandade:

Olha, nós temos uma ligação normalmente, quase, vamos dizer assim com todas [as irmandades], mas as mais ligada é a do “Justinópolis”, os “Arturos”, o pessoal do João Lopes, que é o “Jatobá”, pessoal do “Santo André” e do “Industrial”... esses aí são aqueles que se chegá um convite lá agora, pro dia da festa aqui, eles num aceita, são ligado mesmo, né?!, pessoal lá do [bairro] Aparecida, que é o “Moçambique do Divino Espírito Santo” são muito ligado mesmo, diretamente com a gente. Ah, “São Bartolomeu”, o pessoal de Rio Manso. Deles chegô convite deles hoje, eles num viero na festa de “Treze de Maio” aqui não, mas também num foram pra lugar nenhum, porque lá é interior, então o ônibus lá sai da prefeitura. A prefeitura deu o ônibus, mas o motorista num pode vim, então eles num viero aqui, mas também num foram a nenhum outro lugar (...) (Informante: A. J. M., 2003).

No trecho dessa entrevista, além do entrevistado apontar os laços mais fortes de seu grupo com outras irmandades, ele destaca o fato de que a ausência

de um dos grupos à sua festa dedicada a São Benedito foi justificada por uma situação específica, qual seja, a impossibilidade do motorista da prefeitura local. Esse capitão diferencia e classifica os relacionamentos que são mais efetivos do seu grupo. Voltemos à sua entrevista:

É, num tinha jeito mesmo, eles são uma irmandade que são ligada mesmo aqui. Ah, não tem a “guarda de [Conselheiro] Lafaiete também que num deixa nós aqui em falta, viu?! E esses vem nas duas festas. Agora o restante são todos amigos, todos conhecidos, mas é assim, a gente convida, quando eles pode eles vem sim, mas também é tudo interior, é Lagoa da Prata, pessoal de Formiga, João Paraíba, de Sete Lagoas (...)

E, indagado sobre a relação com outras “Guardas” da capital, ele assim responde:

As outras guarda de Belo Horizonte são todos conhecido e tal, mas a gente num tem assim, aquela ligação, aquele compromisso, a gente chama de “par perpétuo”, que essas guarda que eu citei pr’ocê, a gente faz assim tipo um par perpétuo: festa deles eu estou, festa nossa eles tão. Aquele compromisso que a gente tem... por isso a festa aqui num muda, muda a data mas num muda o dia, é o último domingo de setembro, Justinópolis também num muda o dia, Justinópolis é o último de outubro, lá no João Lopes já é o último domingo de agosto (...)

Sabe-se que quanto maior o número de convidados presentes maior serão os gastos, principalmente com a alimentação que deverá ser servida a todos, mas essa preocupação é menor diante do status que se disputa entre os grupos. Uma festa será considerada boa dependendo do número de guardas visitantes, o que demonstra o grau de respeitabilidade de uma irmandade. Ao contrário, se nela há poucos convidados, pode ser sinal da falta de prestígio do responsável por aquele grupo. Essa informação é percebida na fala de uma capitã

que comentava acerca de uma visita de seu grupo a outro “irmão de reinado” na cidade,

Ah, a festa deles tava muito decadente, né?! Num tinha quase ninguém não, só tava a guarda deles, que já tá pequeninha mesmo, e a nossa, que se num fosse a gente chegar lá, quer dizer que num ia ter nenhum convidado na festa deles (Depoimento de E., outubro de 2003).

Mas essas relações estabelecidas como “perpétuas” não são tão enrijecidas ou estanques como parece ser, se considerarmos a fala do capitão entrevistado. Certa vez, após várias visitas às festas de uma irmandade na região Noroeste da cidade, percebemos que um grupo que sempre estava nas festas (e era visitado quando realizava as suas) não estava mais freqüentando aquele Reinado. Curioso para descobrir os motivos da ausência, indagamos a uma pessoa com quem tínhamos mais proximidade e obtivemos uma versão para nossa pergunta: segunda a informante (uma dançante de “guarda de Congo”), na última vez em que os dois grupos se encontraram havia acontecido uma disputa entre eles. Ela destacou que a sua guarda estava dançando muito bonito, chamando assim a atenção de todos os convidados presentes à festa desse outro grupo. Foi quando então uma partícipe daquela outra irmandade teria passado e provocado uma capitã de sua guarda, dando inclusive um esbarrão em uma das dançantes, o que gerou uma discussão que resultou na rivalidade e rompimento da amizade entre os dois grupos.

Essas situações de rivalidade podem se dar dentro mesmo de uma irmandade, onde as relações parecem estar marcadas pelo respeito e pelo medo àqueles que conhecem os domínios da manipulação das forças mágicas.

### **3. Medo do congado: a magia e o feitiço**

Desde Evans-Pritchard (1978) e seus estudos sobre os Azande que o lugar ocupado pelos ritos mágicos ganhou novas interpretações na literatura

antropológica e, para que possamos entender um pouco desse tema no universo congadeiro é necessário atentar para os aspectos mágicos inerentes às religiões que foram trazidas pelos africanos com suas cosmologias e códigos secretos que contribuíram na estruturação das religiões afro-americanas.

Estudando as Irmandades do Rosário em Oliveira/MG, Elizabeth W. Kiddy (2001, p. 95) aponta que

os primeiros missionários a visitarem a África foram freqüentemente surpreendidos pela falta de uma palavra para religião nas sociedades africanas. Em seu lugar, a relação com forças invisíveis – incluindo deuses, ancestrais e mortos recentes – fazia parte integral da vida cotidiana; e a fortuna (ou os infortúnios) da comunidade dependia de uma correta relação de cada um com estas forças.

No congado, a idéia de força vital pode ser encontrada não só na veneração e invocação a Deus (também identificado com Zambi) e aos ancestrais, mas também no reconhecimento da presença de elementos da natureza como forças sagradas.

Segundo Edimilson de A. Pereira (2005, p.367), entre os participantes do congado, em Minas Gerais, “a distância entre o Pai Criador e os fiéis é preenchida pelo culto às almas e à memória dos antigos, que permitem o acesso dos vivos ao mundo sobrenatural. Mas o acesso ao outro mundo e as realizações da vida diária são ameaçados pelos obstáculos impostos pela natureza e pelos rivais no domínio do sagrado”. E acrescenta que, “dentro dessa concepção da realidade, as práticas mágicas adquirem ampla importância, pois, através delas, os indivíduos procuram impor sua vontade à ordem natural das coisas. Essas práticas são recursos que fazem a diferença entre o forte e o fraco, o vencedor e o vencido e se exprimem por meio de amuletos protetores, fórmulas verbais e atitudes enigmáticas” (Idem, p.368).

Nesse campo cercado de mistérios, a capacidade de manipulação dessas forças mágicas está diretamente associada ao status que cada congadeiro adquire diante de seus pares, e esse conhecimento é revigorado pela própria

força do segredo. Um bom capitão de congado terá respeitabilidade garantida se seus conhecimentos oferecerem ameaça ou segurança a todos aqueles com os quais ele se relaciona. Um depoimento recolhido por Rubens Alves da Silva e Mônica do Nascimento Barros (2002, p.67) descreve a legitimidade alcançada por um capitão perante os membros de sua Irmandade:

J. é médio intuitivo (...). Aquela hora que ele passa o bastão no mastro ele está fazendo um pedido, ou agradecimento – que sempre é pedido ou, às vezes, agradecimento. Se você tá com a Guarda do J. não tem perigo. Ele faz os pedidos, as preces para todo mundo... O J. tem muita força, [ele] é médio de sustentação, [assim] que chama... (M., 70 anos, ex rainha Conga).

Acredito ser possível afirmar que a questão da magia e do feitiço tenha marcado historicamente o olhar externo sobre os grupos de descendentes de africanos em suas diversas religiosidades. Com relação aos grupos de congado isso não foi diferente. O que particulariza o congado com relação a outras religiões tidas como étnicas, por serem praticadas por afro-brasileiros, é o fato de que esse medo é um acontecimento que vem “de dentro” dos grupos ou de seus próprios integrantes, sendo que o “olhar de fora”, mormente via os grupos congadeiros como folguedos, manifestações folclóricas, no sentido pejorativo do termo. Apesar do tema ter sido pouco explorado, considero que um estudo acerca da permanência dessas práticas mágicas no interior dos grupos congadeiros poderá nos fornecer elementos para pensarmos as relações que vêm sendo estabelecidas entre essa religiosidade, a umbanda e o candomblé belo-horizontinos.

Para iniciar essa análise, apresentarei alguns trechos de uma entrevista com o responsável pela “Guarda de Congo de Nossa Senhora do Rosário do (bairro) Urca”, região Noroeste de Belo Horizonte, quando esse devoto aponta como se deu a fundação de seu grupo fraternal:

A história do meu congado foi assim: que eu morava em Itaúna, eu morava no centro dos congadeiros todos com muitas guardas ao redor de mim, até no fundo da minha casa tinha guarda. Mas

eu tinha medo deles... era colega deles, mas fora de guarda; dia da guarda eu tinha medo deles. Eles falavam: 'Ah, ce vem dançar com nós?' e eu respondia: 'Eu?, Cês tá doido! Nunca que eu vou dançar com ocês, de jeito nenhum'. Bom, aí passa um tempo, eu mudei pr'aqui, barracão aqui no fundo. Depois que eu mudei pr'aqui, veio uma voz na minha cabeça dizendo: 'cê tem que formar uma guarda, cê tem que formar uma guarda'. Ô gente, formar guarda de que jeito, pois se eu tenho medo de congadeiro, como é que eu vou formar uma guarda? Não posso formar uma guarda não, se eu tenho medo de congadeiro, como é que eu vou formar a guarda? E aquela voz não saía da minha cabeça: 'tem que formar uma guarda, cê tem que formar uma guarda'. Aí eu fui nesse congadeiro que morava no fundo da minha casa, lá em Itaúna, que era meu amigo, aí cheguei lá e contei ele o caso. Aí ele disse: 'Ô, seu João, é Nossa Senhora que tá te chamando, cê tem que formar uma guarda sim, se ocê não formar uma guarda, ela não te larga não' (...) (Informante: João da Cruz. Maio, 2003).

Perguntado sobre o motivo dele ter medo dos congadeiros, ele continuou seu depoimento, afirmando que era o "povo" que colocava medo na cabeça dele ao dizer:

(...) Que os congadeiro era feiticeiro, que os congadeiro era isso, era macumbeiro, e de fato, que diz que de primeiro era mesmo né?! Naquele tempo, diz que era mesmo, que minha mãe contava muito caso dos congadeiro, que a festa lá em Itaúna – hoje não, hoje já acabou -, mas diz que a festa lá na Itaúna era pesada! Então lá tem uma subida pra subir pra Igreja do Rosário... lá pra Igreja do Rosário, então tem um salto de pedra e tem um cruzamento cá embaixo. Diz que se os congadeiro não fosse bom mesmo, eles não passava ali não! Minha mãe contava que se o congadeiro não fosse bão mesmo não passava ali não. Tinha que ser congadeiro mesmo, 'maçambiqueiro' mesmo, pra puxar a guarda ali, pra passar ali, senão não passava não. Aí todo mundo tinha que passar ali pra subir pro Rosário e se o congadeiro não fosse bom mesmo, não passava ali não! Que eles 'amarravam' as

guardas ali dentro e naquele meio ali não passava mesmo não  
(Informante: João da Cruz, Idem).

O discurso desse congadeiro narra como o medo da magia está associado a muitos fatos que acontecem nos entremeios das atividades dos grupos congadeiros e de seus partícipes, o que requer atenção e “cuidados”. A utilização de rosários trançados no corpo dos moçambiqueiros é um modo de se proteger contra “inimigos alheios”, como afirma uma rainha. O bastão e as espadas utilizadas pela capitania de “Moçambique” e “Congo”, respectivamente, são instrumentos “preparados” para proteger os capitães e seu grupo de seus inimigos, que podem ser tanto de fora quanto de dentro de uma irmandade. Durante os cortejos é comum que uma guarda desenvolva um bailado em volta de todo o grupo, ou na travessia de uma encruzilhada, que é para afastar possíveis ameaças que um capitão tenha intuído estar próxima. Patrícia Brandão Couto descreve como uma dessas ameaças é verificada nos discursos de congadeiros da cidade de Bom Despacho, Minas Gerais:

No discurso dos dançadores, a noção de guerra contida nos jogos ou “demandas” efetiva-se, principalmente, através da amarração, uma espécie de “feitiço” ou magia contida no idioma imaginário do conflito, a que estão constantemente sujeitos os congadeiros quando andam pelas ruas (COUTO: 2003, p. 140).

Se por um lado, o perigo de ser alvo de um feitiço ronda cada integrante de um terno, o conhecimento para vencer as “demandas”, por sua vez, torna um capitão ou um rei do congado um agente dotado de respeito e notoriedade. A descrição de uma situação em que uma congadeira que ficou desacordada, na voz de um capitão moçambiqueiro retrata singularidades presentes nesse ambiente mágico.

(...) Às vezes o pessoal chega aqui achando que eu sei benzê, num sei benzê não, ela não sabe benzê [fazendo referência à sua esposa], agora umas duas vezes aconteceu, em festa de Reinado, a pessoa tava ruim demais da conta, eu num benzia, cheguei lá

perto, pedi à Nossa Senhora, pedi à São Benedito, Santa Efigênia que desse condições àquela pessoa, de nós continuá a festa. E a pessoa melhorou. Eu num benzi não, foi..., foi..., tô falando sincero, foi isso que eu pedi. Já tinham pejejado com ela, foi aqui no (bairro) São José, pode perguntá a eles, eles mesmo conta isso (...) Foi realmente isso que eu falei. A dona tava desmaiada, ruim, perdendo o pulso, e tinha gente lá que é médium, né, que “trabalha”, e já tinha tentado e num conseguiu, aí me chamaro. O demais que eu fiz foi que eu raspei o meu bastão, tirei um pouquinho do pó dele, coloquei num copo de água fria e mandei dá pra pessoa quando ela voltou, mandei pra ela tomá e pronto. (...) Eu pedi foi isso, pelo amor que nós tamo dançano, perdoa os nossos pecado e dá condições a essa pessoa de nos acompanhá, de nos ajudá, ainda ofereci a São Benedito, oh o brilhantismo do nosso festejo, foi isso que eu falei. Isso é que deu a fama, eu num quero fama não, eu quero é rezar meu Pai Nosso e a Ave Maria, a única coisa, entendeu?!Acontece agora, que se desse noutra pessoa ia dizer que existe macumba, num existe macumba. Então o Reinado antigamente ele ficou com essa fama por causa disso, porque tinha os mais velhos, né, eles tinha aquela fé e fazia seus rituais (Informante: Capitão Antônio. Entrevista em junho de 2003).

Esse medo do feitiço ou de poderes mágicos é que tem, por um lado, contribuído para a aproximação de congadeiros com outras religiões, como a umbanda e o candomblé, pois nesse ínterim de credos parece haver elementos que, matricialmente, transitam e podem ser invocados através da manipulação das forças divinas, como veremos a seguir.

#### **4. Relações entre congado, umbanda e candomblé**

A história da presença da umbanda e do candomblé na Capital é tida como relativamente recente. No caso da umbanda<sup>5</sup>, que é considerada uma religião constituída no Brasil a partir dos anos de 1920, no Estado do Rio de

---

<sup>5</sup> Sobre a umbanda, ver entre outros: Ortis (1977), Birman (1985), Negrão (1996), Giumbelli (2002).

Janeiro, sua ocorrência em Belo Horizonte teria acontecido a partir dos anos de 1940. O candomblé, por sua vez, apontado como oriundo do estado da Bahia, teve seu primeiro terreiro fundado nos meados de 1960. Essas datas<sup>6</sup> são questionadas por diversos representantes dessas religiões que disputam notoriedade, no campo religioso local, a partir da idéia de origem e os benefícios advindos desse lugar inaugural.

Há muito que se pesquisar sobre a presença dessas religiões em Minas Gerais e na Região Metropolitana da capital, mas o recorte que aqui realizaremos diz respeito, especificamente, à interpenetração dessas religiões no universo congadeiro, destacando os encontros rituais que são realizados entre alguns desses grupos e, também, a questão da dupla-pertença religiosa. As perguntas que nos orientarão são: existem elementos da umbanda e do candomblé no universo congadeiro? Se sim, como eles se fazem presentes? Como os congadeiros articulam-se diante da chegada dessas outras religiões em seus “territórios” devocionais?

Em diversos congados que visitamos em Belo Horizonte, pudemos encontrar dois tipos de comportamentos bem distintos de seus responsáveis quando o tema invocado nas conversas era o sincretismo religioso: aqueles que assumem a dupla afiliação e aqueles que negam qualquer tipo de proximidade com esses outros cultos.

Onde há a dupla pertença, verificamos que, no mesmo espaço que está localizado o altar/Sacramento utilizado pelo congado, também está o altar dedicado à umbanda, como é o caso de uma “Guarda” localizada na região Noroeste, onde a responsável colocou em paralelo os dois altares, sendo que, durante os festejos do seu grupo fraternal, o altar dedicado à umbanda é recoberto com um pano de filó, demarcando que naquele momento o espaço é “todo” dedicado a Nossa Senhora, ou seja, ao congado. Alguns casos específicos como o da “Guarda de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia”, localizada no bairro Sagrada Família, a fundadora e Rainha Perpétua do grupo ocupava também o cargo de Chefe do Centro de Umbanda e do Terreiro de Candomblé. Tudo funcionava no mesmo espaço, porém os ritos de cada uma dessas

---

<sup>6</sup> Optei em trabalhar com essas datas como referências para se pensar a presença dessas religiões na Cidade, pois se enveredasse nessa discussão o foco desse trabalho correria risco de ser desviado.

manifestações eram rigorosamente separados uns dos outros, alcançando uma demarcação espacial tão rigorosa, que a responsável (quando procurada para dar entrevistas sobre as três tradições: congado, umbanda e candomblé) agendava dias específicos para falar sobre cada uma dessas religiões, pois “as coisas sagradas não se misturam” dizia D. Cecília<sup>7</sup>.

Apesar dos dados acima apresentados, abordar a questão da proximidade entre essas religiões nem sempre é assunto fácil de ser realizado entre os congadeiros e, muitos dos responsáveis, simplesmente, se recusam a tratar do assunto, mesmo que “às escondidas” alguns integrantes do grupo pertençam a essas outras religiões. Como exemplos posso apresentar uma guarda localizada na região centro-sul e outra na oeste da cidade.

Dedicando atenção à questão da presença de elementos “africanos” no congado, Rubens A. da Silva e Mônica do N. Barros apontam como essa questão é ainda um tabu entre os congadeiros, sendo por isso mesmo muito pouco revelada. Esses estudiosos trataram o tema considerando a existência de tramas sincréticas no interior dos ritos congadeiros, principalmente com a umbanda onde,

(...) os casos relatados sobre os feitos mágicos do Congado não deixam de apontar para uma certa ambigüidade nas formas de representação dos elementos simbólicos dos cultos afro-brasileiros, assim como, na resignificação e apropriação dos mesmos, no contexto ritual do Congado, em virtude da concepção de que a apropriação (ressignificante) deste simbolismo consiste, muitas vezes, um ‘mal necessário’ (ALVES e BARROS: 2002, p. 71).

Essa questão da dupla-pertença religiosa nos foi confirmada, pelo Capitão-Mor de uma irmandade, ao ser perguntado sobre a questão do trânsito religioso:

Entrevistador: Tem também muita gente que é congadeiro e participa de outras formas de religião?

---

<sup>7</sup> D. Cecília faleceu no primeiro semestre de 2007, estando as atividades religiosas que coordenava interrompidas, pois nenhum de seus filhos assumiu as atividades religiosas na casa.

Congadeiro - Ah é, isto é claro. Se você me perguntar, que eu não escondo nada de ninguém. Dentro da minha irmandade mesmo, tem. Só tem aquele detalhe, né. Hoje é o Rosário de Nossa Senhora, agora amanhã também, é o festejo da Senhora do Rosário dentro das tradições, que nós estamos encerrando a festa. Agora, passou daí...

Entrevistador - E essas pessoas participam...

Congadeiro - Participam, participam, não escondo não. Minha filha mesmo, cês devem conhecer, a Maria casada com meu genro, ela mesma mexe com Candomblé, não aqui né, que não faz parte, inclusive o Pai-de-Santo dela taí, eu posso apresentar prô cês, conhecedor profundo, conhecedor mesmo, cês devem ir lá prá assistir, com todo o respeito.

Entrevistador - E onde que é?

Congadeiro - Aqui no Serrano. Ele taí, depois vou apresentar prô cês. Ele faz parte da irmandade. Tá vendo esse terreiro cimentado de fora a fora aqui? Foi ele. Ele foi Rei de Ano, o ano passado nosso, fez a festa toda, cimentou isso aqui; pro gosto dele nós já teria feito arquibancada aqui, eu, porque, a irmandade não tem condição de ajudar, ele queria fazer sozinho, e eu disse, “pera lá, nem tanto né, nem tanto,” ele não é milionário, ele vive né.

O entrevistado confirma não só a participação de sua filha no candomblé, mas aponta a participação do pai-de-santo na irmandade, já que o mesmo tinha sido coroado rei festeiro no ano anterior àquele da entrevista, mostrando o quão complexas essas questões do inter-relacionamento entre religiões merecem acautelamento interpretativo e uma pesquisa mais aprofundada.

Pelo que verifiquei durante minha pesquisa, todas as Irmandades mantêm relação profícua com os princípios do catolicismo, determinando que seus membros cumpram as etapas da formação religiosa estabelecidas pela Igreja, isto é, sejam batizados, façam o curso para a primeira comunhão e crisma. A participação às missas e demais compromissos de suas paróquias, como os grupos de jovens, fica comprometida pela agenda de atividades que sobrecarregam os grupos fraternais. Mas cabe destacar que a “Missa Conga” é o grande marco nas festas de uma irmandade, o que nos leva a apontar que o comportamento predominante entre os congadeiros está relacionado aos aspectos devocionais do catolicismo, centrado nos festejos aos santos, na realização das novenas e na relação direta que há entre as atividades e o calendário do cristão.

Também foi possível observar uma oposição entre a prática e o discurso religioso de muitos dos congadeiros belo-horizontinos, no que diz respeito aos seus percursos pessoais. Quando, por exemplo, questionados sobre sua religião, eles afirmam o pertencimento ao catolicismo, mesmo sabendo de nosso conhecimento de seus outros percursos no universo da fé. Esses trânsitos podem simbolizar aspectos de sincretismos e de interpenetração de elementos de um culto no outro, como é o caso da utilização das “guias”, utilizadas pelos candomblecistas e umbandistas, e que também são presentes no corpo de muitos congadeiros.

Aspectos desse sincretismo congadeiro, ou da interpenetração de elementos de outros credos junto a participantes de congados na capital mineira extrapolam a esfera individual do pertencimento religioso (às vezes, duplo ou triplo) com outras religiões e trazem a tona uma nova situação no diálogo que se dá entre encontros rituais promovidos por aqueles que, sendo congadeiros participam também de outras religiões como a umbanda e o candomblé, e também de umbandistas e candomblecistas que têm estabelecido constantes aproximações com grupos de congados locais.

## **5. Encontros rituais: um novo diálogo inter-religioso?**

Foi no ano de 2003, participando do Inventário dos Grupos de Tradição Afro-brasileiros pela Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte, que evidenciei alguns encontros rituais que apresentarei a seguir. Não pude, na época do trabalho, aprofundar minhas observações de campo, já que tinha outros objetivos a serem alcançados, mas a descoberta da ocorrência desses diálogos inter-religiosos me parece uma característica recente que os grupos congadeiros têm engendrado, haja vista a data de fundação dos primeiros terreiros de candomblé e de umbanda na cidade.

Dentre os diversos encontros rituais que tive acesso, citarei alguns que acredito merecem destaque: a presença de um grupo de umbandistas na procissão realizada em ocasião dos festejos a Nossa Senhora do Rosário, no bairro Aparecida; a festa dedicada a Nossa Senhora Sant’Ana num terreiro

umbandista com a presença de uma Guarda de Moçambique para o levantamento de bandeira da santa; e, finalmente, a participação de uma Guarda de Moçambique na festa dedicada aos Pretos Velhos realizada em uma Roça de Candomblé Angola da cidade. Esse último artigo será aqui apresentado para ilustrar a complexidade da matéria a que dedico meus estudos atuais.

Apresento a seguir a visita ritual de uma “Guarda de Moçambique” à festa dedicada aos “Pretos Velhos” de um terreiro de candomblé angola. Na Roça havia aproximadamente trinta médiuns incorporados que eram saudados pelos atabaques consagrados da Casa e festejados pelo seu dia, Treze de Maio. Com um número grande de pessoas que seria atendida pelas entidades, o momento esperado era, de fato, a chegada da “Guarda de Moçambique”. Para a participação da guarda, o zelador de santo do “Terreiro” alugou um ônibus e preparou a Casa para receber os congadeiros que, ao chegarem, foram recebidos com honras e cuidados. Logo na entrada, os cambonos da casa trouxeram uma renda branca e fizeram uma “cobertura” com o tecido em sinal de respeito ao grupo que acabava de chegar, conduzindo-o com seus tambores e cantos ao local reservado à assistência da “Casa”. Ali, festejados pelos seus atabaques, os médiuns incorporados receberam os congadeiros e foram saudados por cada um dos membros da capitania, que também os saudaram, muitas vezes cantando ou se emocionando com algum canto que um capitão realizava. Pude verificar que em alguns momentos, os atabaques também festejavam os tambores do congado, com os ogans reproduzindo com seus toques as batidas que os caixeiros realizavam para acompanhar os comandos da capitania. Interessante destacar que não havia nenhum membro do trono coroado do grupo participando dessa atividade.

Após o cumprimento a todo o corpo mediúnico da casa, os congadeiros descansaram seus instrumentos, receberam os passes das entidades e foram conduzidos para um jantar preparado em agradecimento à visita. Após o jantar, os capitães realizaram o agradecimento, despediram de todos os médiuns incorporados e foram reconduzidos até o ônibus, que os levou de volta à sede da Irmandade.

A visita da “Guarda” à sede do “Terreiro” é marcada por muitos conflitos. Muitos congadeiros não participam por não concordarem com o rito, ou mesmo

por não se sentirem à vontade naquele outro espaço de fé, já que não mantêm relações de proximidades com aquele Candomblé. Algumas entrevistas realizadas com membros do Congado, que são filhos de santo naquela Roça, apontam que aquele encontro ritual acontece para aproximar os dois grupos e também pelo reconhecimento do chefe daquele Terreiro da força espiritual que os moçambiqueiros são capazes de invocar. A presença do Congado ali fortalece a energia dos Pretos Velhos, já que os tambores trazem em si a vibração da “Falange Africana”.

O que há de comum nesses três encontros rituais é a prática da dupla afiliação religiosa de muitos membros dos grupos fraternais, que também são filhos de santos ou chefes nas Casas que seus congados visitam. Essas visitas marcam laços de proximidade, mas, sobretudo, de respeito e disputas entre esses devotos. São caminhos novos que os congadeiros têm percorrido e os desdobramentos dessa rede de visitação em rituais ainda carecem de novas investiga es para que possamos apontar com mais segurança as interfaces desses relacionamentos inter-religiosos.

Durante uma reunião mensal na irmandade que realiza a visita ao terreiro de candomblé citado acima, o Capitão-Mor proferiu um discurso voltado   questão da dupla pertenc a religiosa. Segundo ele, apesar de respeitar as escolhas de cada um membro de sua irmandade com rela o   participa o em outras religiões, as pessoas tinham que ter clareza que “não   pode sentar em duas cadeiras ao mesmo tempo”. Indagado sobre o significado da metáfora utilizada por ele, o capitão afirmou que sob seu comando as pessoas tinham que ter a responsabilidade em primeiro lugar com o congado, pois diz respeito ao dever assumido com a Nossa Senhora. Segundo ele, não há necessidade de um congadeiro participar de outras religiões, pois isso prejudica a dedica o deles aos seus compromissos religiosos. No final da conversa, ele destacou o lugar que o congado ocupa em sua vida: “se um dia eu tiver um problema e não conseguir resolver, ajoelhando aos p s de Nossa Senhora e fazendo as firmezas com seu bastão, então era melhor abandonar ‘aquele barco’, e trocar de religião”.

Os casos de trânsito religioso relatados acima referem-se a grupos que ocupam lugares importantes no cenário religioso do congado em Belo Horizonte. Não me   possível apontar a medida exata da importância que cada líder desses

grupos ocupa frente ao universo ritual do congado, mas são pessoas respeitadas pelo conhecimento e pela influência que exercem na condução de suas irmandades.

Também é preciso fazer uma ressalva acerca do caráter silencioso que essas visitas recebem. Apesar de não serem relações escondidas, muito pouco é revelado ou conversado sobre suas ocorrências, o que denota um aspecto do não-dito, diferente do caráter “escondido” que muitos integrantes desses grupos fazem questão de conservar quando o assunto é seus diversos percursos às religiões de matriz afro-brasileiras.

Outro aspecto a se considerar é a proximidade que já existe entre essas religiões, resultado dos trânsitos que seus membros realizam, como podemos verificar: são congadeiros que se tornam afiliados à umbanda e ao candomblé, são umbandistas que participam de irmandades e também, zeladores de santo que ocupam cargos nos grupos fraternais. Simbioses recentes que nos permitem visualizar alguns dos muitos trajetos que têm caracterizado os grupos congadeiros na cidade de Belo Horizonte, nesse início de século XXI.

## **Bibliografia**

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998.

BARTH, Fredrik. “A Análise da Cultura nas Sociedades Complexas”. In: *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*/Fredrik Barth; [Organização: Tomke Lask]; Tradução: John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil. Contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1971.

BORGES, Célia Maia. *Escravos e Libertos nas Irmandades do Rosário – Devoção e solidariedade em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX*. Juiz de Fora, Ed. Da UFJF, 2005.

BRANDÃO, Carlos R. *Os Deuses do Povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Origens, para que as quero?* In: *Religião e Sociedade*, nº13. Rio de Janeiro: ISER, 1986.

COMUNIDADE Negra dos Arturos (Org.). *Cantando e Reinando com os Arturos*. [Coord. Glaura Lucas; José Bonifácio da Luz]. Belo Horizonte: Ed. Rona, 2006.

COUTO, Patrícia Brandão. *Festa do Rosário: iconografia e poética de um rito*. Niterói: EdUFF, 2003.

DANTAS, Beatriz Góes. *Repensando a Pureza Nagô*. In: *Religião e Sociedade*, nº 8. Rio de Janeiro: ISER, 1982.

EVANS-PRITCHARD, Edward E. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

GIUMBELLI, Emerson. *Zélio de Moraes e as Origens da Umbanda no Rio de Janeiro*. In: SILVA, Vagner Gonçalves. *Caminhos da Alma: memória afro-brasileira*. São Paulo: Summus, 2002.

GOMES, Núbia Pereira M. e PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Negras Raízes Mineiras: Os Arturos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2000.

KIDDY, Elizabeth W. *Progresso e Religiosidade: Irmandades do Rosário em Minas Gerais, 1889-1960*. In: *Revista Tempo*. Nº 12. Rio de Janeiro.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória. O reinado do Rosário do Jatobá*. São Paulo: Editora Perspectiva; Belo Horizonte: Maza Edições, 1997.

MINTZ, Sidney W. e PRICE, Richard. *O Nascimento da Cultura Afro-americana: uma perspectiva antropológica*. [Tradução: Vera Ribeiro]. Rio de Janeiro: Pallas: Universidade Cândido Mendes, 2003.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Os Tambores estão Frios: Herança cultural e sincretismo religioso no ritual de Candombe*. Juiz de Fora: Funalfa Edições; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE/SMC. *Anais de Bens Culturais: uma interpretação das cidades*. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura, 2004.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. Site oficial da Prefeitura de Belo Horizonte. Ícone: História. Disponível em: [www.pbh.gov.br](http://www.pbh.gov.br)> Acesso em: 28 de outubro de 2005.

SAHLINS, Marshall. O “Pessimismo Sentimental” e a Experiência Etnográfica: Por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (Parte I). In: *Revista Mana*. Nº 1. Volº 3. Rio de Janeiro: Contracapa, 1997.

SANCHIS, Pierre. As Tramas Sincréticas da História. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, ANPOCS, nº 28, ano 10, 1995.

SANCHIS, Pierre. Sincretismo e Pastoral: o Caso dos Agentes de Pastoral Negros no seu meio. In: CAROSO, Carlos e BACELAR, Jéferson (Orgs.). *Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida*. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador: CEAO, 1999.

SILVA, Rubens Alves da e BARROS, Mônica do Nascimento. O mundo mágico-religioso do Congado e suas tramas sincréticas. In: *Cadernos CEAS* nº197. Salvador: FUBA, 2002.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil Escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002a.

THORNTON, John. *A África e os Africanos na Formação do Mundo Atlântico, 1400-1800*. [Tradução: Marisa Rocha Mota]. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

VILARINO, Marcelo de Andrade; PONTES, Ana Cristina. As irmandades dos homens pretos e o Reinado em Belo Horizonte. In. Pontes, Ana Cristina; Moraes, Fernanda Emília (Orgs.). *Herança do Tempo: tradições afro-brasileiras em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2006.

#### **FILMES/DOCUMENTÁRIOS**

*Salve Maria* – Memória da religiosidade afro-brasileira em Belo Horizonte: Reinados Negros e Irmandades do Rosário. – Realização: Associação Amigos do CRAV (Centro de Referência Áudio-visual da Prefeitura de Belo Horizonte), 2006.